

Em arquitetura, essa liberdade fundamental que deve ser vista como condição prévia a toda criação artística, não existe, porque, para ter o direito de construir, é necessário um diploma.

Hundertwasser

Por quê? Todos deveriam poder construir, mas enquanto a liberdade de construir não existir, a arquitetura planejada de hoje não será de maneira alguma arte. A arquitetura entre nós está submissa à mesma censura que a pintura na União

Soviética. O que é posto no canteiro de obras são somente compromissos lastimáveis sem nenhuma coordenação, conciliados com má consciência pelas pessoas das quais o espírito está dominado por um instrumento de medida.

O indivíduo que deseja construir não deveria estar submisso a nenhuma imibição. Todos deveriam ser capazes e obrigados a edificar para que sejam verdadeiramente responsáveis pelas quatro paredes e o interior nos quais vivem. Devemos aceitar o risco de que uma louca estrutura dessa natureza possa mais tarde desabar, e nós não devemos em nenhum caso recuar diante do perigo de morte que essa nova maneira de construir poderia acarretar. Deve-se pôr um ponto final na situação atual onde as pessoas se instalam em seus alojamentos como coelhos em seu viveiro.

manifesto

Se uma dessas estruturas selvagens construídas por esses habitantes fosse desabar, antes disso ela começaria primeiro a rachar, o que permitiria que eles se salvassem a tempo. Dai em diante, o habitante será mais crítico e mais criativo diante dos alojamentos que ele ocupa e reforçaria as paredes com suas próprias mãos, se estas parecem-lhe muito frágeis.

A impossibilidade da habitação material das favelas é

preferível à impossibilidade da habitação funcional e utilitária. No que nos acostumamos a chamar de favelas, só o corpo do homem arrisca-se a perecer, enquanto que na arquitetura institucionalmente planejada pelo homem, também perde-se a alma. Esse é então, o princípio das favelas — isto é, uma arquitetura de proliferação anárquica — que deve ser melhorado e tomado como ponto de partida, e não a arquitetura funcional.

A arquitetura funcional revelou-se como um caminho errado, exatamente como a pintura com uma régua. Nós nos aproximamos rapidamente de uma arquitetura impraticável, inútil e finalmente inabitável.

A grande viragem para a pintura é o *tachisme* automático e absoluto: para a arquitetura é a impossibilidade de habitação, mas como a arquitetura está trinta anos atrasada com relação à pintura, esse ponto sem volta ainda não foi atingido.

Hoje, passado o *tachisme* automático total, nós experimentamos miraculosamente o *transautomatismo* de uma verdadeira arquitetura nova e livre.

De toda forma, como nós não passamos pela impossibilidade de habitação total, e não estamos infelizmente ainda no coração do *transautomatismo* da arquitetura, devemos primeiramente buscar tão rápido quanto possível

a impossibilidade de habitação total e o mofo criativo.

contra o

Um homem em seu apartamento deve ter a possibilidade de debruçar-se na janela e arrancar a alvenaria com as próprias mãos. Ele deve ter o direito de pintar tudo que alcança em cor-de-rosa, com um longo

pincel, a fim de que as pessoas de longe possam ver da rua: um homem mora no que o difere de seus vizinhos, isto é, os que aceitam o que lhes é dado. Ele deve igualmente poder fazer buracos nas paredes e empreender todo tipo de trabalho, mesmo se a suposta harmonia

arquitetônica de um imóvel é destruída. Enfim, ele deve poder

preencher seu quarto de barro e de massa de modelar.

Mas isso é proibido pelo contrato!

Hundertwasser, nascido Frederic Stowasser, é um dos mais contravertidos artistas contemporâneos. Pintor, arquiteto, ecologista, ativista político, sua trajetória é marcada por uma intensa atividade pictórica, realizações no campo da arquitetura — com construções/manifestos anti-racionalistas e ações históricas em defesa de uma visão naturalista do ambiente. Nascido em Viena, tem nesta cidade a maior parte de seu acervo arquitetônico. Texto publicado originalmente em 1958 Tradução Flávio Arancibia Coddou

É tempo para que as pessoas se revoltem contra uma situação que as condena a viver confinadas em latas de sardinhas, da mesma maneira que as galinhas e os coelhos em gaiolas, que são totalmente estranhas à sua natureza. Uma construção utilitária ou de uma gaiola é uma construção que permanece estranha a três categorias de pessoas a que dizem respeito:

- 1 **O arquiteto não tem relação com a construção.**
Mesmo quando trata-se de um grande arquiteto, ele não pode prever qual tipo de pessoa irá habitá-la. A suposta "escala" humana em arquitetura é uma cruel decepção. Particularmente quando esta escala é estabelecida após um levantamento de opiniões.
- 2 **O pedreiro não tem relação com a construção.**
Se, por exemplo, ele deseja levantar um muro seguindo sua inspiração e afastando-se do plano preciso, ele perde seu trabalho. Mas de qualquer modo ele não se incomoda porque não é ele que irá habitar a construção.
- 3 **O ocupante não tem relação com a construção.**
Simplesmente ele não a construiu mas somente instalou-se. Suas necessidades humanas, seu senso de espaço são certamente diferentes. Isso continua sendo verdade mesmo se o arquiteto e o pedreiro tentam construir seguindo as instruções exatas do ocupante. É somente quando o arquiteto, o pedreiro e o ocupante formam uma unidade, isto é, quando trata-se da mesma pessoa, podemos falar em arquitetura.

Todo o resto não é de modo algum arquitetura, porém a encarnação física de um ato criminoso. Arquiteto, pedreiro, ocupante são uma trindade como o pai, o filho e o espírito-santo... Quando a unidade arquiteto-pedreiro-ocupante é quebrada não há arquitetura e essa é a situação atual. O homem deve reencontrar sua função crítica-criativa que perdeu e que sem a qual deixa de existir enquanto ser-humano.

Criminoso também é o uso em arquitetura da régua que, como podemos facilmente prová-lo, deve ser considerada como um instrumento que conduz à destruição da unidade arquitetônica... Essa floresta de linhas retas que nos encerra progressivamente como em uma prisão deve ser arrancada.

Até agora o homem tem sempre arrancado a floresta da qual queria encontrar-se livre. Mas primeiro ele deve ter consciência do fato que vive em uma floresta porque essa floresta desenvolveu-se subitamente sem que a população percebesse. Dessa vez trata-se de uma floresta de linhas retas. Todo arquiteto moderno, no

trabalho em que a régua e o compasso exercem um papel, mesmo por um segundo, deve ser rejeitado. E ainda nem foram citados a prancheta e o trabalho de maquetista que tornaram-se mórbidos, estéréis e sem significado. A linha reta é imoral.

As estruturas construídas a partir de linhas retas, qualquer que sejam suas formas, são insustentáveis. Elas são o produto do medo e do conservadorismo: os arquitetos construtores têm medo de voltar-se para o *technisme*, sabendo que é muito tarde.

Quando a ferrugem ataca a lâmina de barbear, quando o mofo forma-se num muro, quando o musgo nasce num canto e atenua os ângulos, nós deveríamos nos alegrar de que a vida microbótica entra na casa e nos damos conta que somos testemunhas das mudanças arquitetônicas em que temos muito a aprender.

A mania de destruição dos arquitetos funcionalistas é bem conhecida. Eles queriam simplesmente destruir as casas Art Nouveau do século XIX com sua decoração em estuque e substituí-las pelas suas construções vazias e sem alma. Eu citaria Le Corbusier que queria arrasar Paris e reconstruí-la com os monstruosos imóveis retilíneos. Para sermos justos agora, deveríamos destruir os edifícios de Mies Van der Rohé, Neutra, a

Bauhaus, Gropius, Johnson, Le Corbusier e os outros, porque ficaram fora de moda e moralmente insuportáveis em menos de uma geração.

Para salvar a arquitetura funcionalista da ruína moral uma substância corrosiva deveria ser jogada nos muros de vidro e as superfícies de concreto liso para permitir ao mofo que se fixe sobre eles. É tempo para que a indústria reconheça que a missão fundamental é a produção do mofo criativo!

É preciso que agora a indústria desenvolva entre seus especialistas, engenheiros e doutores, responsabilidades para a produção de um mofo criativo...

Só os sábios e os engenheiros capazes de viver no mofo e de produzirem mofo criativo serão os mestres do amanhã.

em arquitetura

racionalismo